

Vale Abraão traz Madame Bovary para Portugal de hoje

Ao exibir *Vale Abraão* para o cinéfilo brasileiro, a *Mostra do Cinema Português* garante, de cara vaga na lista dos "10 melhores filmes do ano". O longuíssima-metragem (187 minutos) de Manoel de Oliveira, 87 anos, lenda viva (vivíssima) do cinema lusitano, é magnífico.

Há que se ter paciência para ver muitos dos filmes do português. São mais literários que cinematográficos e não costumam dar bola para as convenções gramaticais do cinema. Os detratores de Manoel de Oliveira o têm na conta de um chato. E o qualificam como "cultor de cinema palavroso e lento".

O irreverente Miguel Esteves Cardoso, autor do romance *O Amor é Fodido*, jura que certo dia, uma emissora de TV lisboeta exibiu filme de Oliveira que "durava um século". Ele passava pela sala e um personagem estava subindo uma escada. Voltava meia-hora depois e o dito cujo ainda estava subindo a mesma escada.

Brincadeiras à parte, Esteves toca num dos pontos nevrálgicos da obra oliveiriana. O cineasta não se incomoda em dedicar preciosos minutos a um ato banal. Ato que, num átimo de segundo, o vertiginoso cinema industrial americano liquidaria.

Voltemos, pois, ao *Vale Abraão*. O filme é uma produção de 1993. Exibido na *Mostra Internacional de Cinema*, organizada por Leon Cakoff em São Paulo, ganhou o prêmio principal, o da Crítica. Depois sumiu. Os exibidores temem o lançamento de filmes portugueses no Brasil. Temem até obras-primas como *Abraão*.

Há uma razão até plausível para este temor. Os brasileiros têm dificuldade de entender a pronúncia lusitana, de base consonantal. Ao contrário da nossa, que enuncia todas as vogais. Legendados, os filmes soariam ridículos.

Que o público fique tranquilo. Dá para entender, no mínimo, 90% dos diálogos de *Vale*

Abraão. Baseado em romance homônimo da escritora Augustina Bessa-Luis, o filme conta com narração em off e os atores, a maioria soberbos, pronunciam o texto com cadência menos acelerada.

Bovarinho — *Vale Abraão* é uma recriação contemporânea de *Madame Bovary*, o clássico de Gustave Flaubert.

Augustina Bessa-Luis, um dos grandes nomes da literatura portuguesa, transportou Emma Bovary, a provinciana insatisfeita para terras lusitanas. Criou a sua *Bovarinho*.

Manuel de Oliveira, siderado por literatura, não resistiu aos apelos do romance. Escorado em seu produtor, Paulo Branco, mandou ver. O resultado é um filme que enche os olhos por suas belezas. Duas são escandalosas: a da protagonista Leonor Silveira e a da região onde se desenrola a trama — as margens férteis do Douro, o rio que passou pela vida do cineasta levan-

do para sempre seu coração.

Ema, a *Bovarinho*, é uma mulher excepcionalmente bela. Casa-se com Carlos Paiva. Obcecada pelo luxo, gosta de aproveitar a vida. Vida que leva com certo fastio. Usa e abusa da atração que exerce sobre os homens. Mantém amantes diversos.

Se vivo fosse Bertold Brecht (1898-1956) amaria *Vale Abraão*. O filme usa uma das técnicas mais caras ao dramaturgo alemão: o distanciamento crítico. A magnífica Ema de Oliveira é manca. Isto mesmo, coxa.

Imaginem Greta Garbo, ou qualquer outra deusa de Hollywood interpretando uma mulher sedutora e coxa. Pois nesta característica reside um dos maiores trunfos de *Vale Abraão*. Um filme raro. Quem sabe o melhor da história do cinema português. (MRC)

■ **VALE ABRAÃO**, de Manoel de Oliveira. Produção portuguesa de 1993. No cine Dois Candangos, às 20h00.